

DISCURSIVO DO EU/OUTRO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NO ÚLTIMO DISCURSO DE AMÍLCAR LOPES CABRAL (1973)

Benedito Bonate Besse¹

Roque Do Nascimento Albuquerque²

RESUMO

O presente estudo analisa como Amílcar Lopes Cabral constrói a identidade nacional e articula as categorias de Eu e Outro em seu último discurso, proferido em 1973, no contexto da luta anticolonial na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. O objetivo de analisar o discurso de Cabral direciona a pesquisa a uma abordagem exploratória e interpretativa com apoios bibliográficos que se fundamentam na Análise do Discurso de linha francesa, incorporando os conceitos de *ethé* de credibilidade e identificação para examinar a construção da imagem de si. Quanto ao procedimento metodológico, a análise é qualitativa, cujo *corpus* consiste na versão oficial escrita do último discurso de Cabral em 1973. A análise evidencia estratégias discursivas que articulam o “nós” coletivo em oposição ao colonizador (“eles”), mobilizando a população e legitimando a luta de libertação nacional. O *ethos* identificados são de virtude, competência, inteligência, caráter e humanidade, mostram como Cabral projeta um “eu” ético, estratégico e solidário, contrapondo-se a um “outro”, colonial e opressor. O estudo revela a função do discurso como instrumento de resistência, legitimação da autoridade e consolidação de uma identidade nacional em processo de formação, contribuindo para reflexões sobre linguagem, poder e identidade em contextos pós-coloniais.

Palavras-chave: Luta de libertação; Identidade nacional guineense; Eu e Outro Cabralista.

¹Graduando em Letras Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira (UNILAB)
- E-mail: beneditobesse@aluno.unilab.edu.br.

²Orientador: Professor de Letras Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - E-mail: roadry.albuquerque@unilab.edu.br.

ABSTRACT

This study analyzes how Amílcar Lopes Cabral discursively constructs national identity and articulates the categories of Self and Other in his last speech, delivered in 1973, in the context of the anti-colonial struggle in Guinea-Bissau and Cape Verde. The objective of analyzing Cabral's discourse directs the research toward an exploratory and interpretive approach with bibliographic support based on French Discourse Analysis, incorporating the concepts of credibility, ethos and identification to examine the construction of self-image. As for the methodological procedure, the analysis is qualitative, whose corpus consists of the official written version of Cabral's last speech in 1973. The analysis highlights discursive strategies that articulate the collective “us” in opposition to the colonizer (them), mobilizing the population and legitimizing the national liberation struggle. The ethos identified are virtue, competence, intelligence, character, and humanity, showing how Cabral projects an ethical, strategic, and supportive “self”, contrasting with a colonial and oppressive “other.” The study reveals the function of discourse as an instrument of resistance, legitimization of authority, and consolidation of a national identity in the process of formation, contributing to reflections on language, power, and identity in postcolonial contexts.

Keywords: Liberation struggle; Guinean national identity; Me and Other Cabralists.

1. Introdução

Esta investigação objetiva-se analisar como Amílcar Lopes Cabral constrói a identidade nacional e articula as categorias de *Eu* e *Outro* em seu último discurso, proferido em 1973, abordando a formação identitária da Guiné e Cabo Verde em contexto de luta anticolonial. A Guiné-Bissau é um país que está localizado na costa ocidental da África. Faz fronteira ao Norte com o Senegal e ao Sul com a Guiné-Conacri, com uma superfície total de 36.125 km². Administrativamente, está dividida em 8 regiões: *Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e o Setor Autónomo de Bissau*. É um Estado com uma enorme diversidade linguística. Tem como língua oficial o português; o guineense é conhecido como a língua da unidade nacional (*Crioulo*), desta forma, chamada de língua nacional, além de serem faladas mais de 20 línguas étnicas (Da Silva e Sampa, 2017).

Segundo Cassama (2014), os primeiros navegadores portugueses chegaram ao território da atual Guiné-Bissau em 1446, liderado pelo navegador Nuno Tristão.

Segundo Mango (2018), em 3 de agosto de 1959, ocorreu um episódio do *Massacre de Pindjiguiti*³, quando a polícia colonial matou de forma brutal os trabalhadores que protestavam por melhores salários e redução do tempo de trabalho. Essa tragédia levou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) a intensificar a mobilização dos cidadãos para que se preparassem e aderissem à luta armada pela independência.

Segundo Coutinho (2012), o partido foi fundado em 19 de setembro de 1956, antes do início da luta armada, com o objetivo de libertar a Guiné e Cabo Verde da dominação salazarista. Entre seus fundadores estão Amílcar Cabral, Luís Cabral, Aristides Pereira, Fernando Fortes, Elysée Turpin e Júlio Almeida. Inicialmente denominado PAI (Partido Africano para a Independência), o movimento passou a ser conhecido como PAIGC em 1960.

O movimento nacionalista (PAIGC)⁴ teve “apoio, a partir de 1960, da República da Guiné-Conacri e dos demais países comunistas [...] a Rússia, Cuba e Checoslováquia, tanto na formação de quadros quanto no fornecimento de material bélico para guerrilha” (Teixeira, 2008, p.16).

Considerando o apoio externo, a luta pela independência constituiu, simultaneamente, um movimento de caráter nacional e uma causa inserida no cenário internacional, articulada à ideologia da libertação dos povos e à defesa da autodeterminação diante da opressão.

³ *Massacre de Pindjiguiti* – foi a repressão brutal, pela polícia colonial portuguesa, de uma greve de estivadores no porto de Bissau.

A luta começou em 23 de janeiro de 1963, tendo como alvo o aquartelamento de *Tite*, Fati (2021). O ataque teve grande repercussão. Naquele período, a localidade estava sob o comando de um capitão conhecido como “Capitão Curto”, cuja fama se devia à extrema violência e crueldade praticadas contra militantes e simpatizantes da causa da independência nacional. Suas atrocidades atingiam não apenas os combatentes, mas também a população civil da região de *Quinara* e os prisioneiros trazidos de outras partes da província. Nesse contexto, marcado pela causa nacional e pela luta pela libertação dos povos guineenses e cabo-verdianos, emergiram diversas vozes, entre as quais se destacou Amílcar Lopes Cabral, Herói Nacional. Cabral foi um importante líder político, cujas ideias e estratégias visavam mobilizar a população para a formação identitária e o fortalecimento da consciência nacional.

Diante desse contexto histórico e sociocultural, o problema central desta pesquisa consiste em compreender como Amílcar, Herói da Guiné e Cabo-Verde, constrói a identidade nacional e articula as categorias do *Eu* e do *Outro* em seu discurso de 1973. Para atingir esses objetivos, a pesquisa adota abordagem exploratória e interpretativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental. O desdobramento do trabalho fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, conforme Pêcheux (2014), com apoio teórico em autores como Orlandi (2012), além de Maingueneau (2008) e Charaudeau (2012), para examinar o *ethé* de credibilidade e de identificação. Metodologicamente, adotou-se a proposta de análise qualitativa, cujo *corpus* do estudo no último discurso de Amílcar Lopes Cabral (1973), em sua versão escrita oficial em português (Fonseca, 2002; Ferreira, 2009).

A pesquisa revela como ele articula as categorias do *eu* e do *outro* na formação dessa identidade. O estudo contribui para reflexões sobre identidade, linguagem e poder em contextos pós-coloniais.

O trabalho está dividido em seguintes partes: Introdução; Metodologia; Apoios Teóricos; Análise, discussões de dados e resultados e Considerações Finais.

A introdução apresenta o objetivo, a metodologia, a questão central e a justificativa da pesquisa. A parte metodológica descreve os caminhos determinantes de análise e interpretação, com base em pesquisa bibliográfica e documental. O *corpus* é o último discurso de Cabral (1973), analisado pela Análise do Discurso francesa e *ethos*.

O apoio teórico abrange a Análise do Discurso, a formação discursiva, os diferentes *ethé* e, na análise de dados, as estratégias discursivas de Cabral, suas marcas ideológicas e os *ethos* de virtude, competência, inteligência, caráter e humanidade. As considerações finais mostram que o *ethos* no discurso de Cabral consolida um “eu coletivo” nacional, em oposição ao colonizador, legitimando sua liderança e fortalecendo a identidade e emancipação do povo.

A seguir, adentra-se ao apoio teórico, onde são expostos os referenciais conceituais que embasam as discussões e orientam o desenvolvimento da pesquisa.

2. APOIO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise do Discurso (AD), na visão do autor francês Michel (1960), é uma abordagem teórico-metodológica que visa compreender como os sentidos são produzidos nos discursos mediante a uma articulação entre a linguagem, a ideologia e a história. Segundo Pêcheux (2014), o discurso é o espaço em que o sujeito se forma e as ideologias se manifestam. Para Orlandi (2012), a Análise de Discurso não usa a língua como um sistema abstrato, mas como os homens se relacionam com ela discursivamente numa determinada sociedade.

Narzetti (2020) comenta que AD da linha francesa é um campo de investigação heterogênea. Dessa forma, Maingueneau (1989) argumenta que o discurso constrói simultaneamente a própria identidade e sua relação com outros discursos, que funcionam como referência para essa construção. Da mesma forma, quando o discurso está vinculado a um sujeito, a um Eu, este se posiciona considerando referências pessoais, temporais e espaciais, como um Eu situado no aqui e agora.

2.1. Formação discursiva da Análise do Discurso

A formação discursiva, postulada por Pêcheux (1988), explica que o sentido das palavras depende das posições ideológicas que as determinam. Para Orlandi (2012), o discurso resulta de condições de produções históricas e sociais, nas quais o sujeito é interpelado e constituído pelas formações discursivas. Essas formações definem o que pode ser dito e funcionam como matriz de sentido, articulando discurso, ideologia e história, como destaca Narzetti (2020).

2.2. *Ethos* Discursivo

Autores como Aristóteles (2005) e Amossy (2005) convergem ao afirmar que o *ethos* constitui a imagem construída pelo orador e depende tanto de sua autoprojeção quanto da percepção do público. Eles destacam que o *ethos* integra os meios de persuasão ao lado do *logos* e do *pathos*, articulando razão e emoção no discurso.

No discurso político, essa imagem é dinâmica e moldada pela interação com diferentes públicos. Assim, a confiança no orador resulta de qualidades como bom senso, virtude e benevolência que fundamentam sua autoridade discursiva.

2.3. O *Ethos* como imagem de si

Autores como Fiorin (2004) e Charaudeau (2011; 2012) convergem ao afirmar que o *ethos* é uma imagem discursiva construída pelo orador para gerar credibilidade e não depende

de sua identidade social, mas da autoridade projetada no discurso. Nesse sentido, o *ethos* envolve competência, virtude, humanidade e outros aspectos que articulam saber, sinceridade e controle emocional como bases de confiança. Ressalta-se também que a credibilidade resulta da percepção do público, que identifica no discurso sinais de autenticidade e legitimidade. Desse modo, o *ethos* manifesta-se como uma construção estratégica que combina razão, afetividade e valores sociais para fortalecer a eficácia comunicativa.

2.4. Categorias de *ethé* e tipologias de *ethos*

Dentro do conceito de *ethé*, Charaudeau (2012) distingue *ethos* de credibilidade como competência, virtude e seriedade e os de identificação como potência, caráter, inteligência, humanidade, chefia e solidariedade. Neste trabalho, alguns foram selecionados para análise. Do grupo de credibilidade, escolheram-se de competência e virtude. Do grupo de identificação, optaram-se por *ethos* de caráter, inteligência e humanidade.

Segundo Charaudeau (2011, 2012), o *ethos* de competência refere-se à imagem do orador que demonstra conhecimento, habilidade e experiência para resolver problemas concretos, enquanto o *ethos* de virtude destaca qualidades morais como sinceridade, fidelidade e honestidade, essenciais para que o orador sirva de exemplo ao povo. O *ethos* de humanidade evidencia a capacidade de demonstrar sentimentos e compaixão, ainda que com controle emocional, e o *ethos* de inteligência ressalta a perspicácia e consciência que despertam admiração e adesão. Igualmente, o *ethos* de caráter envolve a construção de uma imagem marcada por autocontrole, coragem, perseverança e moderação, contribuindo para a credibilidade e a confiança do público.

2.5. Papel do discurso na legitimação da identidade guineense

Segundo Mbaná (2021), o discurso de Cabral reflete práticas sociais hegemônicas e legitima a luta de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, promovendo unidade nacional (Franco, 2014). Para Foucault (1971), o discurso não é neutro, sendo controlado e regulado por mecanismos sociais. Nesta perspectiva, o discurso de Cabral atua como instrumento estratégico para influenciar, convencer e consolidar a luta nacional. Isso é evidente no seguinte trecho: “*a hora é de acção e não de palavras. Acção cada dia mais vigorosa e mais eficaz... a fim de infligir as maiores derrotas aos colonialistas portugueses [...]*” (Cabral, 1974, p.28).

Na próxima seção, apresenta-se a metodologia adotada para a análise dos dados, descrevendo os procedimentos e critérios que orientam a constituição do *corpus*.

3. METODOLOGIA

A metodologia é o caminho do pensamento e da prática desempenhada numa abordagem de fato (Fonseca, 2002; Ferreira, 2009).

Adotou-se abordagem qualitativa de natureza exploratória e interpretativa, por meio de pesquisa bibliográfica e documental (Fonseca 2002; Gil, 2017), cujo foco na Análise do Discurso, especialmente, na linha de Michel Pêcheux (2014), apoiando-se em outros autores como Eni Puccinelli Orlandi (2012), Maingueneau (2008) e Charaudeau (2012).

Incorporam-se os conceitos de Maingueneau (2008) e Charaudeau (2012) para analisar o *ethé* de credibilidade e de identificação. Foi escolhido o *ethos* como categoria central de análise. No eixo da credibilidade, o *ethos* manifesta-se por meio da competência e da virtude, enquanto, no eixo da identificação, se expressa pelo caráter, pela inteligência e pela humanidade, elementos considerados essenciais para compreender a construção do “Eu” e do “Outro” de Cabral. Essa incorporação permite que a análise não se restrinja à ideologia e à formação discursiva, mas também para observar a construção da imagem do enunciador perante o público.

O objeto de análise é o último discurso de Amílcar Lopes Cabral (1973), preferencialmente a versão oficial escrita ou transcrita. Disponível em: www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/antologia-de-textos-textos-politicos, 1974? Acesso em: 20 de abr. 2025. Foi selecionado um texto que não chegou a receber nenhum tratamento analítico. O texto é um discurso do herói da Guiné-Bissau. Também é um discurso que pode ser encontrado em várias línguas, mas o tratamento de objeto em análise é monolíngue (discurso em português).

Ao falar da identidade nacional em contextos coloniais, entende-se que é formada por meio de discursos que funcionam como instrumentos de resistência, como no discurso político de Cabral. Lenin (2011) afirma que o “imperialismo” é inerente ao “capitalismo” e não pode ser combatido apenas com protestos. Para Almada (2019), o imperialismo mantém a dominação econômica, política e cultural da colonização. Consequentemente, o discurso político torna-se central na legitimação da luta e na descolonização simbólica e territorial.

Segundo Lopes (2025), Cabral compreende que o maior problema do continente africano é a ausência de afirmação ideológica. Para ele, a ideologia está relacionada à “expressão da vontade própria”. Além disso, trata-se daquilo que emerge de dentro, que define princípios e orienta a ação. Por isso, em sua concepção, o *pan-africanismo* pode ser considerado uma ideologia quando “expressa essa vontade própria”.

Nesse sentido, compreende-se que ideologia não deve ser necessariamente associada a classificações como marxista ou como de esquerda e direita, mas entendida como aquilo que provém do interior, da autodeterminação e da consciência própria.

Dessa forma, a próxima seção dedica-se à análise dos dados, articulando elementos específicos que orientam o *corpus* deste trabalho.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1. As estratégias discursivas empregadas por Cabral (Eu e Outro)

No discurso de 1973, ele constrói um “eu” coletivo e político, representando a unidade entre Guiné e Cabo Verde. Conforme Fiorin (2004), esse “eu” assume identidade nacional em oposição ao colonizador, articulada pelas funções discursivas descritas por Ducrot (1984 *apud* Orlandi, 2012). Segundo Antunes *et al.* (2018), essas estratégias visam persuadir e constituir o *ethos* do orador. A partir dessa concepção, percebe-se que o visionário constrói um “nós” coletivo e nacional através de diversas estratégias distintas: Diferenciação dicotômica: “nós” *versus* “eles”; Coletivização do sujeito político e Exaltação da Soberania.

a) Diferenciação dicotômica: “nós” *versus* “eles”.

O discurso estabelece de forma clara o “nós” (refere-se ao povo africano, inclusive guineense, os patriotas, o Partido, os combatentes de luta) e “eles” (os colonialistas, o governo fascista português, os inimigos). Por exemplo, identifica-se no discurso a presença desses contrastes e foram recorrentes ao longo das intervenções de Cabral por meio destas expressões: “*o nosso povo*”(Cabral, 1974, p.28); “*nostra pátria*”(Cabral, 1974, p. 13); “*os criminosos colonialistas*”, “*o inimigo*” (Cabral, 1974, p. 24).

b) Coletivização do sujeito político

Ao observar este primeiro trecho: “*Nós sabemos, e eu falo como técnico, que Portugal tem condições para oferecer uma vida digna a todos os seus filhos.[...] devemos reforçar a nossa vigilância para desmascarar e eliminar os agentes do inimigo*” (Cabral, 1974, p.26-27), identifica-se o uso constante de pronomes “nós” (pronome pessoal), “nosso” (pronome possessivo) e “todos” (pronome indefinido). Já no segundo trecho encontram-se termos como “camaradas”, “compatriotas”, “povo”, “militantes” e “dirigentes”, que substituem o *eu individual* por um *coletivo* de caráter nacional e militante: “*Camaradas e Compatriotas [...] comemoramos um novo ano de vida e de luta e o combate pela independência do nosso povo africano[...], devo lembrar a todos - militantes , combatentes, responsáveis e dirigentes do nosso Partido - que a hora é de acção e não de palavras*” (Cabral, 1974, p.28).

Essas expressões refletem a inclusão e despertam uma consciência de trabalhar em equipe, isto é, a relação de interdependência. Por outro lado, o líder comovia o espírito de unidade. A partir desse último trecho, pode-se compreender, na concepção de Orlandi (2012) que toda palavra é considerada como parte de um discurso.

c) Exaltação da soberania popular

Ao falar das eleições realizadas nas zonas libertadas, em seu último discurso, Cabral avigora que o “*nós/nosso*” tem legitimidade política muito forte. Como se observa no seguinte excerto: “*os eleitores votaram em massa [...] representantes legítimos do nosso povo*”, (Cabral, 1974, p.28-29).

Segundo Franco (2009), Cabral cunhou o lema do PAIGC como Unidade e Luta. A unidade consiste em obter força e afrontar contradições internas da ex-colônia portuguesa e de Cabo Verde, enquanto a luta consiste em vencer a dominação *imperialista* tanto na sua forma colônia como neocolonial.

A partir desse processo de mobilização, identifica-se as estratégias usadas para unir o povo em sua diversidade, visando ao fim do ato colonial. De fato, essas marcas atuam no plano da linguagem (nossas formas de dizer) e no plano das ideias (conteúdo ideológico), criando um “*nós*” (povo) combativo e em oposição ao colonizador (ele/inimigo).

Cabral (1974, p.9-10) definiu três possibilidades para evolução e resolução de conflitos entre o governo colonial e o povo africano, como se observa neste excerto “mudança radical na posição do governo português; Uma ação concreta e imediata por parte da *ONU*⁵ e Lutar unicamente com os nossos próprios meios.”

A razão da luta era libertar os dois povos - os guineenses e os cabo-verdianos - contra a prática cruel e desumana que era vivida na época. A libertação visava pôr fim ao domínio colonial português. Foi um compromisso sério de aderir à luta por meio da força, pois era a única forma que tinham para acabar com os comportamentos severos.

4.2. As marcas linguísticas e ideológicas no discurso

Segundo Dias (2020), as marcas linguísticas revelam informações sobre locutor, interlocutor e contexto, enquanto Antunes *et al.* (2018) destacam que o ato de linguagem sempre envolve a relação entre sujeitos. Para Thompson (2011), a ideologia sustenta relações de dominação por meio de operações como racionalização, universalização e narrativização. Já Orlandi (2012), afirma que todo discurso é atravessado pela ideologia e reflete a posição social

⁵ Organização das Nações Unidas.

de quem fala. O discurso de Cabral utiliza a linguagem como instrumento ideológico. Dessa forma, observa-se os seguintes elementos:

a) Linguagem inclusiva e mobilizadora

No discurso, foram identificados usos de pronomes e verbos no plural como expressões inclusivas e mobilizadoras, entre eles: “*nós*” (pronome pessoal), “*nosso*” (pronome possessivo), “*devemos*” (verbo), “*vamos*” (verbo), “*podemos*” (verbo).

O discurso, também, mostra que ele chama a ação e corresponsabilidade, como se lê: “*a hora é de ação e não de palavras*” (Cabral, 1974, p.28). Nesse trecho, compreende-se a visão ideológica a partir de mobilização popular, ação coletiva, protagonismo do povo como sujeito da história. Segundo Orlandi (2012), é no discurso que a ideologia vai produzindo seu sentido e se materializa.

b) Vocabulário nacionalista e de luta

Termos “*independência*”, “*luta armada*”, “*soberania*”, “*libertação*”, “*Estado*”, “*nação africana*” que foram repetidos. Ao observar este excerto: “chamamos-lhe independência [...] a soberania total do nosso povo no plano nacional e internacional, na paz e na dignidade [...] caminhando pelo seu próprio pé e guiado pela sua própria cabeça, o progresso a que tem direito” (Cabral, 1974, p.32). Percebe-se que a independência está associada à dignidade e ao progresso. A partir dessa concepção, é possível compreender alguns aspectos que refletem a ideologia, como o nacionalismo africano, o anticolonialismo e a autodeterminação. É o ser humano quem atribui significado às palavras: elas não possuem um sentido fixo ou único, pois seu significado depende do contexto em que são utilizadas e da situação em questão, conforme pondera Orlandi (2012).

4.3. O *ethos* de virtude

O *ethos* de virtude no discurso de Cabral mostra claramente a imagem de um líder ético, responsável e comprometido com a liberdade e a dignidade dos povos guineenses e caboverdianos, ou seja, a dignidade da pessoa humana. Segundo Aristóteles (2005), o *ethos* é um dos meios mais eficazes de persuasão, porque está ligado ao caráter e à credibilidade do discursador. Assim, ao afirmar:

[Trecho 1 – ethos de Virtude] dirijo, neste momento, calorosas felicitações ao nosso povo, a todos os eleitores que, como homens e mulheres conscientes, souberam desempenhar tão dignamente os seus deveres de cidadãos livres da nossa nação africana; a todos os militantes, responsáveis e dirigentes que, nas comissões eleitorais ou noutros sectores de actividade, deram o seu contributo para a eficácia desta realização que ficará na história do nosso país (Cabral, 1974, p.28).

Cabral constrói um *ethos* de virtude e responsabilidade cívica, enquanto cidadão. Para Maingueneau (2008), o *ethos* discursivo é a imagem de si que se parece no modo de dizer, e Cabral o faz ao exaltar o amor à pátria e à dignidade coletiva. Ao declarar:

[Trecho 2 – ethos de virtude] denunciar o crime perpetrado pelo governo colonial fascista de Lisboa ao transferir para Portugal 15 a 20 mil jovens caboverdeanos para o trabalho nas minas, para a limpeza das ruas nas cidades principais, para funções de operários não qualificados, provocando deste modo uma hemorragia das forças vivas de Cabo Verde, com o intuito de barrar o caminho ao progresso da nossa luta libertadora (Cabral, 1974, p. 30).

Conforme acima, percebe-se que o líder robustece seu compromisso moral com a justiça e a liberdade, o que Charaudeau (2006), define da identidade discursiva que legitima o anunciador perante o público. Assim sendo, quando se destaca, *[trecho 3– ethos de virtude]*, “*faço apelo a todos os patriotas cabo-verdianos e guineenses residentes em Portugal... ao serviço do Partido, do nosso povo e da África*” (Cabral, 1974, p. 30), Cabral demonstra, conforme Reboul (2004), um *ethos* de proximidade e solidariedade com a sua audiência. Dessa forma, seu discurso projeta uma figura alinhada, justa e engajada na libertação e união do seu povo.

4.4. *Ethos* de Competência

Cabral constrói *ethos* de competência ligado à organização, estratégia e eficácia política e militar, como se lê: *[trecho 1 – ethos de competência]* - “*Como cada um sabe, realizámos no ano findo eleições gerais nas regiões libertadas, por sufrágio universal e secreto [...]*” (Cabral, 1974, p.28). Além disso, assinala a realização das primeiras eleições democráticas, que deveriam ocorrer após a luta de libertação nacional, mostrando a capacidade governativa e não só de combate contra colônia portuguesa. Por isso, falou da criação da Assembleia Nacional Popular e criação da lei magna ou Constituição para estruturação de um Estado Soberano:

[Trecho 2 – ethos de competência] vamos reunir a Assembleia Nacional Popular da Guiné para que ela realize a primeira missão histórica que lhe compete: a proclamação do nosso Estado, a criação de um executivo para esse Estado e a promulgação de uma Lei Fundamental-a primeira-constituição da nossa história- a qual será a base da existência activa da nossa nação africana (Cabral, 1974, p.29).

Esse discurso transmite a imagem ideal de um líder competente, estratégico, disposto a governar e não somente um líder que chama as pessoas para lutar contra os invasores.

Na percepção de Amossy (2005, p. 23), “o *ethos* constitui uma estratégia discursiva de credibilidade, por meio da qual o locutor busca persuadir o público a reconhecer sua autoridade e coerência.” Também, o *ethos de competência* nesse discurso projeta a imagem de um líder competente, preparado e capaz de liderar *camaradas* ao processo de libertação nacional com racionalidade e eficácia.

4.5. *Ethos* de Inteligência

No discurso de Cabral, observa-se a construção de um *ethos* de inteligência, evidenciada pela capacidade de análise estratégica e consciência política. De acordo com Charaudeau (2012, p. 87), o *ethos* de inteligência “refere-se à imagem de sagacidade, planejamento e discernimento que o locutor projeta, mostrando-se capaz de compreender e antecipar os problemas que enfrenta”.

Amílcar evidencia, no excerto a seguir, uma característica marcante ao orientar seus *camaradas* diante dos desafios vindouros do movimento de libertação nacional: “[**Trecho 1 - ethos de inteligência**] *“Chamo a atenção dos camaradas para a diversidade de novos problemas que devemos estudar de modo adequado, problemas provenientes das novas perspectivas do desenvolvimento da luta, que se porão com a proclamação do Estado da Guiné” (Cabral, 1974, p.30).*

No trecho supracitado, compreende-se a visão dele ao pensar relativamente aos problemas administrativos, financeiros, diplomáticos e sociais de governança que um futuro Estado independente enfrentaria. Outrossim, o discurso dele aprecia o desenvolvimento econômico, igualitário e cultural, destacando a relevância da educação e da organização estruturada da nova nação. Igualmente podemos observar a seguinte parte:

[**Trecho 2 - ethos de inteligência**] *“as preocupações com a guerra e o trabalho político não devem [...] fazer-nos esquecer a importância das nossas atividades económicas, sociais e culturais. Devemos [...] prestar atenção aos problemas da economia, da saúde, da assistência social, da educação e da cultura [...] ao abastecimento, às condições de vida, aos impostos, ao fisco, à vida financeira, à moeda, à escolarização e à formação de novos quadros” (Cabral, 1974, p.30).*

O *ethos* de inteligência robustece a credibilidade do anunciador e a eficácia do movimento político que lidera, evidenciando uma estratégia discursiva que combina visão, planejamento e liderança ética (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2012).

4.6. *Ethos* de Caráter

No discurso de Cabral, identifica-se a construção do *ethos* de caráter, demonstrando o compromisso ético e moral com a causa coletiva e pela integridade do enunciador. Como Charaudeau (2012, p. 85) declara, o *ethos* de caráter é “a imagem moral e ética que o locutor projeta para reforçar sua credibilidade perante o público”. Cabral apresenta-se como um líder corajoso e perseverante que preocupa com a libertação, quando afirma: [**Trecho 1 - ethos de caráter**] *“Afirmer perante o mundo que a nossa nação africana, forjada na luta, está irreversivelmente decidida a caminhar para a independência, sem esperar pelo consentimento dos colonialistas portugueses” (Cabral, 1974, p.29).*

No trecho acima, percebe-se que havia renúncia do sistema colonial; a negação de qualquer servilismo à narrativa dos colonizadores; denunciando os crimes da colônia português, mesmo sabendo dos riscos. O exemplo a seguir da denúncia:

[Trecho 2 - ethos de caráter] “Levanto a minha voz, em nome da direção do Partido, para protestar contra tal situação e para denunciar o crime perpetrado pelo governo colonial fascista de Lisboa ao transferir para Portugal 15 a 20 mil jovens caboverdeanos para o trabalho nas minas, para a limpeza das ruas nas cidades principais, para funções de operários não qualificados, provocando deste modo uma hemorragia das forças vivas de Cabo Verde, com o intuito de barrar o caminho ao progresso da nossa luta libertadora” (Cabral, 1974, p.30).

Cabral constrói uma imagem de líder íntegro, qualificado, comprometido com a justa causa, assegurando a construção do *eu* e a contraposição do *outro* como opressor. Nota-se ao detectar o *ethos* de caráter, compreende-se que fortalece sua credibilidade discursiva, movimentando de tal maneira os líderes bem como a população na luta pela independência.

4.7. Ethos de humanidade

Estratégias discursivas que apresentam o autor como um indivíduo solidário, que se preocupa com o bem-estar dos outros, aquele que defende a dignidade da pessoa humana e das necessidades sociais, isto é, os valores humanos universais (paz, liberdade, saúde, educação, alimentação, proteção da infância, etc.) para ganhar autoridade moral e adesão. Consta-se *ethos* de humanidade:

[trecho 1- ethos de humanidade] - faço questão [...] de respeitar a tradição dirigindo-vos algumas palavras neste momento em que todos os homens são- aqueles que querem a paz, a liberdade e a felicidade de todos os homens - renovam as suas esperanças e a sua certeza numa vida melhor para a humanidade, na dignidade, na independência e no verdadeiro progresso de todos os povos (Cabral, 1974, p.28).

Ao analisar esse trecho, compreende-se que há um espírito humanitário, próprio de alguém com sensibilidade afetiva, valorização do ser humano e um profundo senso de empatia diante da dificuldade alheia. Ele teve a oportunidade de trabalhar no serviço colonial e de estudar em Portugal, mas, mesmo assim, decidiu regressar à Guiné para participar da Luta de Libertação Nacional. Essa decisão revela a atitude de uma pessoa dotada de consciência e de uma faculdade mental extraordinária.

Ao olhar para o trecho a seguir:

[trecho 2- ethos de humanidade] devemos todos, mas principalmente os quadros especializados nestas questões, prestar a maior atenção aos problemas da economia, da saúde, da assistência social, da educação e da cultura, para sermos capazes de enfrentar a nova situação que a luta está em vias de criar (Cabral, 1974, p.28).

Identifica-se outra preocupação do líder, que refletia diversas situações que assolavam o país - como a saúde, a assistência social e a educação, demonstrando uma preocupação concreta com o bem-estar das pessoas, característica central do *ethos* de humanidade.

Por conseguinte, a próxima seção apresenta as considerações finais, nas quais são retomados os principais resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise discursiva do Eu/Outro presente no último discurso de Cabral (1973), o resultado desta investigação revela a construção de vários *ethos*, designadamente, virtude, competência, inteligência, caráter e humanidade. O *ethos* funciona como estratégia fundamental para consolidação da identidade nacional coerente e legitimada pela luta de Libertação Nacional.

O *ethos* de virtude exhibe o “eu” como líder moralmente íntegro que defende a liberdade e a dignidade humana, enquanto o “outro” se refere colonizador e é caracterizado como força opressora. O *ethos* de competência dá credibilidade a imagem de um líder capaz de organizar, governar e constituir o novo Estado, em contraste com o “outro” que historicamente recusou a autodeterminação aos dois povos da Guiné e Cabo Verde. O *ethos* de inteligência demonstra um sujeito sagaz e visionário, que antecipa os desafios e projeta soluções, diferente do “outro” que opera contra o progresso dos colonizados. O *ethos* de caráter destaca a perseverança ética, moral e política do líder, opondo-se a um “outro” marcado pela violência e pela iniquidade. Já o *ethos* de humanidade expande a identificação coletiva, destacando valores universais e solidários, e situando o “outro” como antagonista desses princípios.

Assim sendo, a articulação desses *ethos* colabora para a formação de um “eu coletivo”, a nação em construção que se perfilha na resistência, na união e na procura pela liberdade, em oposição a um “outro” colonial associado à opressão e à negação da dignidade. Cabral, ao elaborar esse *ethos* discursivo, não somente legitima sua liderança, mas também representa o nascimento de uma identidade nacional guineense e cabo-verdiana traçada na luta, projetando um discurso que mobiliza, conscientiza e fortalece o sentimento de pertencimento e de emancipação coletiva.

6. REFERÊNCIAS

ALMADA, Pablo. Uma Transição Pós-Colonial? Aproximações do discurso do Movimento das Forças Armadas (MFA) de Portugal aos movimentos de libertação colonial. **Revista Espacialidades**, v. 15, n. 01, p. 206-225, 2019.

AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso. Imagem política no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, p. 9-28, 2005.

ANTUNES, Claudia Sousa; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Ethos: a construção da imagem de si. **Confluência**, p. 284-298, 2018.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

CABRAL, Amílcar. **PAIGC: Unidade e luta**. 1. ed. Lisboa: Publicações Nova Aurora, 1974.

CABRAL, Amílcar. **Textos políticos de Amílcar Cabral: declarações sobre o assassinato**. Livraria Ler, 1974.

CARDOSO, Carlos. A transição democrática na Guiné-Bissau: um parto difícil. **Lusotopie**, v. 2, n. 1, p. 259-282, 1995.

CASSAMA, Daniel Júlio Lopes Soares. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné Bissau e Cabo Verde**. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5aa63601-7780-48d2-b02b-87662f03fda6/content>. Acesso em: 09 jun. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**, 2011. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz - 2. ed - São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2. ed. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso propagandista: uma tipologia**. In: Machado, Ida Lucia & Mello, Renato (orgs.). **Análises do Discurso Hoje**, v. 3, p. 57-78. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

COUTINHO, Ângela Sofia Benoiel. **As trajetórias dos fundadores do PAIGC (1923–1960)**. IICT-Instituto de Investigação Científica Tropical e ISCSP-UTL-Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, 2012.

Da FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**, 2002. Disponível em: books.google.com.br/books/about/Apostila_de_metodologia_da_pesquisa_cine.html?id=oB5x2SChpSEC&redir_esc=y. Acesso em 10 out. 2025.

DA SILVA, Ciro Lopes; SAMPA, Pascoal Jorge. A Língua Portuguesa na Guiné-Bissau: Influência do Crioulo e a Identidade Cultural no Português. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 31, p. 231-247, 2017.

DIAS, Gabriele Leandro. Língua Portuguesa - D10. **Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto**. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/lingua-portuguesa-d10-identificar-as-marcas-linguisticas-que-evidenciam-o-locutor-e-o-interlocutor-de-um-texto/. Acesso em: 27 maio 2025.

FATI, Sandji. Início da Luta de Libertação Nacional 1963: Uma Visão Guineense. **Revista Portuguesa de História Militar**. v. 1, 2021.

FERREIRA, Luís Alves. **Discursos de libertação: Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde**. Coimbra: Almedina, 2009.

FIORIN, José Luiz. O *éthos* do enunciador. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata (org.). **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2004. p. 117-138.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971 [1969].

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **Elites africanas: a prática social e política de Amílcar Cabral (1945-1973)**. Ed. ANPUDH-SP Santos - 2014.

GIL, Antonio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LÊNIN, Vladimir I. **Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: FE/ UNICAMP, 2011.

LOPES, Carlos. **Governar sem pensar: a falência do planejamento nacional** - Programa Legislativo 2026. Canal: Bocadurna. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jmj5HPJEwsc>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique et al. **A propósito do ethos. *Ethos* discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. - 3. ed. São Paulo: Cortez: 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do discurso**. Tradução Sirio Fosseriti 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização Sirio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral ... [et al.].- São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 1989.

MANGO, Calido. **A consciencialização política e a descolonização na África “portuguesa”: criação dos movimentos de libertação**, 2018. Disponível em: researchgate.net/profile/Calido-Mango/publication/327634671. Acesso em: 07 jun. 2025.

MBANA, Fidel Quessana. **Análise do Discurso Crítica de Amílcar Cabral na Luta pela Independência da Guiné-Bissau e de Cabo-Verde (1973)**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/5891>. Acesso em: 08 ago. 2025.

OLIVEIRA, César. **Movimentos Nacionalistas Africanos - Antologia de textos Textos Políticos**. Disponível em: ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/antologia-de-textos-textos-politicos. Acesso em: 20 abr. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

PRECIOSO, Daniel. O último discurso de Amílcar Cabral: um projeto de Estado binacional para Guiné-Bissau e Cabo Verde (1973). **Temporalidades**, v. 9, n. 2, p. 348-365, 2017.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TEIXEIRA, Ricardino. **Sociedade civil e democratização na Guiné-Bissau**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação.(Mestrado em Sociologia). Pernambuco, PPGS-UFPE.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa** I John B. Thompson. 9. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.